



A resposta da igreja cristã à pandemia: comunicação, adaptação e impactos teológicos¹

The christian church's response to the pandemic: communication, adaptation and theological impacts

Diego Luz Santos²
Iuri Andréas Reblin³

Resumo: O artigo examina as dificuldades enfrentadas pelas igrejas evangélicas para manter suas programações durante a pandemia e como a Igreja Cristã historicamente lidou com a comunicação em diferentes fases. Destaca a importância de entender essas experiências para aplicar aprendizados na atualidade, aproveitando práticas bem-sucedidas durante a pandemia para auxiliar as igrejas em sua missão de pregar o Evangelho. A relevância social do tema é evidente, pois a fé e a religião são fundamentais para a expressão espiritual, a orientação moral e o fortalecimento das relações comunitárias. A pandemia forçou as igrejas a adaptarem rapidamente suas atividades, tornando a comunicação eficaz crucial para conectar-se com os membros, transmitir ensinamentos e oferecer apoio espiritual. O artigo analisa os contextos pré, inter e pós-pandêmico, comparando o crescimento das denominações que se adaptaram e os desafios enfrentados por igrejas de diferentes portes. Além disso, explora os motivos teológicos que influenciaram a decisão de adaptar ou não as programações e os conteúdos ao formato virtual.

Palavras-chave: Teologia, Comunicação, Igreja, Pandemia, Ciberteologia.

Abstract: The article examines the difficulties faced by evangelical churches in maintaining their programs during the pandemic and how the Christian Church has historically dealt with communication in different phases. It highlights the importance of understanding these experiences to apply lessons learned today, taking advantage of successful practices during the pandemic to help churches in their mission of preaching the Gospel. The social relevance of the topic is evident, as faith and religion are fundamental for spiritual expression, moral guidance, and the strengthening of community relationships. The pandemic forced churches to quickly adapt their activities, making effective communication crucial to connecting with members, imparting teachings, and offering spiritual support. The article analyzes the pre-, inter-, and post-pandemic contexts, comparing the growth of denominations that adapted and the challenges faced by churches of different sizes. Furthermore, it explores the theological reasons that influenced the decision to adapt or not adapt programs and content to the virtual format.

Keywords: Theology, Communication, Church, Pandemic, Cybertheology

¹ Este artigo foi recebido em 1 de junho de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 25 de novembro de 2024.

² Mestre. Faculdades EST. E-mail: diego.jornalluz@gmail.com

³ Doutor em Teologia pelas Faculdades EST. Faculdades EST. E-mail: reblin@est.edu.br.



Introdução

Neste artigo, analisam-se as dificuldades enfrentadas pelas igrejas evangélicas para manter a continuidade de suas programações durante a pandemia. Nesse contexto, é fundamental compreender como a Igreja Cristã lidou com a comunicação ao longo da história, nas diferentes fases que atravessou, e de que maneira essas experiências podem ser aplicadas na atualidade. Além disso, busca-se aproveitar os aprendizados e as práticas bem-sucedidas durante a pandemia para auxiliar as igrejas em sua missão principal: pregar o Evangelho.

O tema abordado possui grande relevância social, uma vez que a fé e a religião desempenham um papel significativo no cotidiano da população. A igreja é um espaço essencial para a expressão da espiritualidade, a busca por orientação moral e o fortalecimento das relações comunitárias. No entanto, a pandemia impôs desafios sem precedentes às igrejas evangélicas, que precisaram se adaptar rapidamente para garantir a continuidade de suas atividades. Assim, a comunicação eficaz tornou-se ainda mais crucial, permitindo que as comunidades religiosas se conectassem com seus membros, transmitissem ensinamentos e mensagens de esperança e oferecessem apoio espiritual em um momento de grande incerteza e isolamento.

O artigo analisa os contextos pré, inter e pós-pandêmico, avaliando os resultados gerais de crescimento das principais denominações que se adaptaram a essas necessidades. Nesse processo, compara-se as demandas e responsabilidades dos departamentos de comunicação em igrejas de pequeno e grande porte. Por fim, realiza-se uma análise dos principais motivos teológicos que determinaram quais programações e conteúdos seriam ou não adaptados ao formato virtual.

Igreja e a comunicação digital

A popularização da Teologia como mensagem comunicável na era contemporânea não se restringiu às cruzadas e pregações de Billy Graham. Nos últimos anos, o alcance teológico tem crescido exponencialmente, saindo dos gabinetes acadêmicos e “publicizando-se nos discursos em rede, digitalizando-se” (PUNTEL; SBARDELOTTO, 2017, p. 360). O vasto volume de material teológico disponível ao público hoje está sendo disseminado nas redes e tornou-se um verdadeiro tesouro para aqueles que buscam um conhecimento mais aprofundado.



Um exemplo disso é que, quando alguém tem dúvidas sobre Deus, não recorre mais necessariamente a um encontro pessoal com um teólogo, tampouco busca a bibliografia mais atualizada. Em vez disso, simplesmente tira o celular do bolso e digita a pergunta em um sistema de busca na internet, que lhe oferece respostas prontas a partir de extensos bancos de dados (PUNTEL; SBARDELOTTO, 2017, p. 360).

A internet tornou-se um meio fundamental para a comunicação do conteúdo teológico, dando voz a novos interlocutores, abrindo portas para diferentes formatos e possibilitando diversas adaptações necessárias.

Teologia Comunicacional e Ciberteologia

A teologia comunicacional (ou comunicação da teologia) tem despertado, no seio da igreja, um anseio pelo conhecimento. Assim como ocorreu na Reforma, há uma redescoberta da Bíblia pelo povo leigo. O grande público cristão tem compreendido, cada vez mais, que a teologia não é exclusividade dos teólogos, mas parte essencial da caminhada de todo aquele que se propõe a seguir a mensagem de Jesus Cristo. Como afirma Sproul: “Nenhum cristão pode evitar a teologia. Todo cristão é teólogo. Talvez não um teólogo no sentido técnico e profissional da palavra, mas um teólogo” (SPROUL, 2019, p. 23).

É nesse contexto que se desenvolve a ciberteologia. “Se as [...] tecnologias digitais modificam o modo de comunicar e até mesmo de pensar, qual o impacto que terão no modo de fazer teologia?” (SPROUL, 2019, p. 23). De fato, quando a mídia molda nossa forma de pensar, ela também molda nossa forma de crer.

Se a teologia é o conhecimento de Deus por meio da comunicação do Evangelho, em um mundo digitalizado, o fazer teológico por meio da ciberteologia torna-se não apenas possível, mas necessário, pois consiste na comunicação do Evangelho pelas mídias sociais. Segundo Silva (Ibid., p. 10), a ciberteologia é o “pensar a fé cristã na era da cultura digital”. Assim como a mídia digital reflete o futuro da comunicação secular, ela também reflete o futuro da comunicação teológica.

O Departamento de Comunicação na pandemia

Os recentes eventos da pandemia de COVID-19 evidenciaram as principais necessidades dos processos de comunicação da Igreja e a importância do Departamento de Comunicação (tratado, a partir de agora, como “Decom”). “Com a chegada da pandemia, diversas igrejas precisaram



ampliar sua atuação nos espaços digitais [...] A Igreja começou a desenvolver várias atividades on-line no período pandêmico, contudo, necessitando de ajustes e melhorias em suas estratégias.”

O que antes era apenas uma possibilidade de ampliação da voz da Igreja na sociedade tornou-se o principal meio de interação e participação da comunidade nas atividades religiosas e sociais das instituições. Conforme destaca Feliciano (2021):

Acompanhando a globalização, a Igreja está presente em diversos meios de comunicação. No entanto, assim como todas as religiões [...] que têm a premissa de encontros semanais em cultos, missas, grupos de oração, estudos etc., a Igreja enfrentou um grande desafio com a pandemia de Coronavírus, em 2020. Diante desse cenário, precisou se reinventar, uma vez que o público, antes predominantemente presencial, passou a estar exclusivamente on-line, transformando radicalmente a relação entre comunicação e religião.

Esse processo de migração e adaptação “se tornou algo indiscutível. Pois, para manter suas atividades durante o período da pandemia, a única alternativa foi ingressar nesse ambiente e adotar uma cultura digital, ampliando sua visão para além das quatro paredes.” Isso resultou na expansão dos Decoms em igrejas ao redor do mundo. Como afirma Pinto (2021, p. 88): “As atividades religiosas internas e externas [...] não foram paralisadas. Fecharam-se as portas e abriram-se [...] janelas.” O Decom inovou, provando seu valor e consolidando-se, dentro do mundo teológico-eclesiástico, como um dos departamentos mais importantes da atualidade.

O Decom no pré, inter e pós-pandemia

Antes da pandemia, os serviços prestados pelo Decom se restringiam ao alcance de novas possibilidades de comunicação. Seu foco era, primariamente, possibilitar que alguns poucos membros tivessem contato com o conteúdo da comunidade em situações específicas de privação, além de alcançar novas vidas e novas realidades, facilitando a comunicação com grupos que não faziam parte, necessariamente, do seu público-alvo. Temos como exemplo a Igreja Apostólica Batista Viva, uma Igreja Batista Neopentecostal, localizada em Recife (PE), que, segundo relata Silva:

Antes da pandemia, [...] já possuía uma conta no Instagram e um canal no YouTube, entretanto não investia em estratégias ou melhorias para estar de fato presente nesse mundo. Algumas postagens de momentos importantes eram feitas, e o canal do YouTube não possuía qualquer atividade. Contudo, com o colapso que o mundo todo enfrentou [...] a comunidade precisou despertar e, assim, começou a investir em equipamentos que antes não tinha (SILVA, 2022, p. 13).



De forma geral e quase uniforme, a estrutura de Decom da grande maioria das igrejas era, primariamente, para transmissão do conteúdo inter-templo e não para a produção de conteúdo em si, voltado para esses formatos. Antes, o conteúdo girava em torno do púlpito.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a COVID-19 como pandemia. A partir desse momento, “os templos foram fechados e os líderes religiosos optaram por realizar as reuniões pela internet. As igrejas evangélicas fizeram transmissão dos cultos pelas redes sociais” (SANTANA, 2021, p. 121). Não havia escolha para as igrejas, diante do crescimento do número de infecções por coronavírus e decretos governamentais, senão fechar as portas dos seus templos físicos e se concentrar, quase que inteiramente, na internet. “Em tempos de isolamento, essas verdadeiras ‘Igrejas domésticas’ se conectaram entre si, unindo pessoas, famílias, grupos e comunidades em encontros de oração [...] pela internet” (SBARDELOTTO, 2020, p. 99).

Tendo a internet encontrado lugar durante a pandemia, abrir mão dos seus recursos após o surto seria um retrocesso. Depois da Covid, todo o mundo mudou, e a Igreja não poderia ficar de fora. Claro, esse processo de permanência se deu em meio a inseguranças e “como toda novidade, tem os seus riscos [...]. O medo é de que as pessoas abandonem o ‘mundo real’ da fé, substituindo-o [...] e, após a pandemia, não queiram mais voltar aos templos” (SBARDELOTTO, 2020, p. 99). Havia anseio no povo por sua comunhão presencial, mas “mesmo após a diminuição nos casos da COVID-19 [...], a presença digital não foi perdida e agora as igrejas também devem ter um ministério híbrido. Ou seja, o acesso à palavra de Deus e aos seus ensinamentos precisa ocorrer tanto no presencial como no virtual” (SILVA, 2015, p. 10).

O Decom em Igrejas de pequeno e de grande porte

Claro que, assim como a pandemia causou impactos diferentes em países de tamanhos distintos, também houve variações na Igreja. Congregações maiores, com mais membros e um Decom melhor estruturado, sofreram maior impacto em relação às suas atividades presenciais, mas conseguiram desenvolver bem suas atividades remotas. Em contrapartida, igrejas menores, com menos membros e menor capacidade financeira, sofreram menos com os impactos presenciais, mas enfrentaram mais dificuldades no desenvolvimento das suas atividades on-line. “Várias igrejas



de menor porte não deixaram de oferecer os seus serviços religiosos, vendo nesse momento uma oportunidade de aumentarem o quantitativo de membros” (PINTO, 2021, p. 92).

Ainda assim, tiveram que lidar com a difícil missão de se adaptar. “Antes possível para poucas igrejas, a transmissão de cultos pelas redes sociais tornou-se, em questão de semanas, uma ação generalizada” (CARVALHO, 2020, p. 1). O que, antes da pandemia, era uma realidade on-line que soava distante e inacessível, algo reservado apenas para megaigrejas de referência, passou a ser necessária para todas (DA SILVA, 2022, p. 5). Igrejas de grande porte desenvolviam e profissionalizavam suas equipes (na maioria das vezes, compostas por voluntários) de seus Decom’s, enquanto igrejas menores se preocupavam menos com esses detalhes, mas intensificaram a busca por possibilidades de manter ao menos parte das suas programações presenciais.

Contextos on-line: Distinções doutrinárias interdenominacionais

Um fator determinante para a filtragem de atividades que seriam ou não levadas a contextos on-line foi a interpretação teológica de cada denominação. As mesmas práticas litúrgicas podem ter significados e/ou contextos distintos em diferentes igrejas, entre elas, os próprios conceitos de culto e comunhão, e a administração das ordenanças (ou sacramentos): batismo e ceia do Senhor (Eucaristia). Packer (2020) defende que batismo e ceia são elementos centrais da vida e do culto cristão, e muitas dessas igrejas se dividiram quanto a como celebrar as ordenanças nos momentos de pandemia (PACKER, 2020, p. 77). Algumas defendem apenas a existência dos cultos on-line, mas invalidam a ideia de manutenção da ceia e do batismo. Outras celebram a ceia, mas negam o batismo. Há aquelas que, em determinadas circunstâncias, aceitam a celebração de ambas as ordenanças.

Começando pelo conceito de culto, ele pode ser definido como “a assembleia [ajuntamento] dos santos de uma igreja local para adorar a Deus, edificar os crentes e evangelizar o mundo, observando os elementos da Escritura (ler, cantar, orar, ouvir e ver a Palavra)” (MUSSELMAN, 2020, apud CARVALHO, 2020, p. 61). Se culto pode ser definido dessa forma, o impasse está na concordância sobre se um ajuntamento on-line pode ou não ser definido como culto. Igrejas de linha mais contemporânea entendem que sim, um ajuntamento on-line pode ser definido como culto, pois a igreja está, de certa forma, junta para prestar esse culto a Deus. Como afirmam Adam, Reblin e Saldanha:



É possível realizar uma celebração realmente comunitária mediada pela internet, à medida que a igreja se perceba no meio digital não como uma projeção de sua existência física, mas sim como uma existência real em um meio que não se distingue de um meio “analógico” da realidade, mas que se interpenetra e se confunde [...]. O mundo tornou-se simultaneamente real e virtual; ou melhor, o mundo é real-virtual. Logo, uma existência não se restringe a uma presencialidade física corpórea limitada a um tempo e a um espaço específicos, mas se estende a outras espacialidades, a outras temporalidades (ADAM; REBLIN; SALDANHA, 2020, p. 598-609).

O conceito de “culto on-line” seria possível na medida em que a igreja se entenda como algo simultaneamente presencial e virtual, não apenas como uma expressão virtual de uma igreja essencialmente presencial. Trata-se de uma igreja que entende a virtualidade como uma formação de si com a mesma validade do físico.

Porém, tal conceito vai de encontro ao que afirmam teologias mais tradicionais. Em meio à resistência do conceito de culto on-line como culto em si, essas teologias o consideram apenas uma prefiguração do culto real e presencial, que foi ansiado durante os tempos de isolamento. Conforme defende Carvalho:

só será culto se a igreja estiver, de fato, reunida; e por “reunida”, não basta que a transmissão seja assistida por internautas. O pressuposto da reunião não é estabelecido pelo número de visualizações ou curtidas, mas pela participação efetiva dos membros debaixo de um mesmo propósito no Espírito, para louvor, oração e proclamação da Palavra. [...] A adoração coletiva não é o simples somatório da adoração individual. A mera transmissão de uma performance religiosa para uma audiência passiva, sem o menor senso de comunhão e participação, está muito longe de se equiparar ao culto público da igreja (CARVALHO, 2020, p.1).

Nessa perspectiva, o culto on-line não teria validade em si mesmo, mas viria como um “método emprestado”, uma vez que havia a impossibilidade do estabelecimento de um culto real. Logo, não seria igualmente válido ao culto presencial. Deixaria de ser culto comunitário e se tornaria apenas a “transmissão de um culto”, que, de fato, estaria acontecendo a nível presencial com a pequena equipe eclesialística in loco. O bom e velho “é o que tem pra hoje”.

Outro conceito sob discussão de validade nesse processo seria o das ordenanças. Até que ponto batismo e ceia poderiam ser administrados on-line? Partindo primeiro da ceia, também chamada Eucaristia (pois é vista como meio de transmissão de graça), há o argumento, a favor da sua administração virtual, de que “a comunhão que celebramos é vinculada, estritamente vinculada pelo Espírito e através do Espírito. É o selo do Espírito Santo de Deus que nos une” (ELIAS, 2020, apud CARVALHO, 2020, p. 62). Uma vez que a validade da ceia como “comunhão do corpo de Cristo” (1 Coríntios 10:16) era estabelecida pelo Espírito Santo, e este era onipresente, a ceia à



distância era válida, pois o mesmo Espírito estava presente em todos os ambientes. E assim foi feito em diversas igrejas durante a pandemia. Um sistema de ceia virtual, onde a bênção do pastor, presente no templo da igreja, era estendida às casas onde famílias se reuniam para recebê-la.

Em contrapartida, teologias mais sacramentais reformadas, cuja teologia espiritualiza os conceitos de batismo e ceia, desconsideraram o uso da ceia on-line. O valor eucarístico do pão e do vinho se dava, pelo mesmo Espírito, na medida em que a igreja estivesse reunida em comunhão presencial. Fora isso, era de se assumir que o peso do isolamento traria, também, o ônus da abstenção do sacramento no cotidiano da comunidade:

Não podemos partilhar da ceia virtualmente porque o sinal do sacramento não reside apenas nos “elementos” (pão e vinho), mas também na refeição compartilhada (1 Co 10.17; 11.33), exatamente o que não ocorre quando estamos separados. Por isso, [...] estamos em tempo de lamento, no qual não participamos da ceia, embora ansiemos pelo dia em que ela retornará (SWAIN, 2020, apud CAMPOS JÚNIOR, 2020).

Isso invalidaria a administração da ceia de forma on-line, assim como impediria a realização do próprio culto, pelos mesmos motivos mencionados anteriormente: tais práticas dependem de comunhão, e a comunhão não poderia ser adquirida por meios virtuais, sendo possível apenas uma demonstração dela.

O batismo, talvez, seja o mais polêmico a ser levado ao virtual. Enquanto o culto dominical e a ceia foram, nessa ordem, os mais comuns, foi raro ver a existência de um “batismo on-line”. Diferente do ato de cultuar e de levar os elementos da ceia à boca, o ato do batismo (quer por imersão, quer por outros métodos) necessita, intrinsecamente, da administração de outra pessoa. A ordem direta de Jesus na Grande Comissão foi “batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (cf. Mateus 28:19). O ato do batismo depende da administração de alguém enviado para isso e é realizado “em nome” (sob autoridade) da própria Trindade, o que seria impossível em um culto à distância.

Mas, apesar de sua complexidade, não foi uma prática absolutamente rejeitada. Vale citar o exemplo da Comunidade Batista do Rio, liderada pelo pastor Pedro Litwinczuk. Em abril de 2020, ele gerou polêmica ao realizar um batismo à distância, no qual jogava água na tela de um monitor, e o fiel, do outro lado da chamada de vídeo, jogava um balde de água sobre a própria cabeça. Em entrevista concedida à época ao portal UOL, o pastor Pedrão (como é conhecido) afirmou: “Enquanto pastor, zelo pela vida das minhas ovelhas. Não posso expor ninguém. Cancelei os cultos



presenciais assim que o fim das aglomerações foi recomendado. [...] Meu papel é defender o isolamento social” (Portal UOL).

Diferentes linhas interpretativas, teológicas e doutrinárias lidam de formas diversas com as possibilidades de uso da mídia em suas comunidades locais. Isso fez com que as consequências da pandemia para o desenvolvimento das igrejas e, principalmente, dos Departamentos de Comunicação, fossem diferentes entre si, dependendo de como cada comunidade interpretava teologicamente cada elemento da liturgia cristã.

Considerações finais

Considerando as dificuldades encontradas pela Igreja Cristã durante a pandemia de COVID-19, foi necessário avaliar sua relação histórica com a comunicação e compará-la com uma visão panorâmica das suas adaptações durante o período pandêmico, para, enfim, buscar um modelo que tenha atendido de forma satisfatória a essas demandas.

Foram também explorados os conceitos de Teologia Comunicacional e Ciberteologia, destacando a importância de refletir sobre a fé cristã na era da cultura digital. Além disso, foram analisados os desafios enfrentados pelas instituições religiosas durante a pandemia de COVID-19, que exigiu uma adaptação rápida aos meios digitais e enfatizou a necessidade de um Departamento de Comunicação competente e preparado. A partir da análise dos contextos pré, inter e pós-pandêmicos, observou-se a necessidade de adaptação às novas demandas, tanto em igrejas de pequeno porte quanto nas de grande porte.

A pesquisa revelou a importância de um Departamento de Comunicação eficiente e inovador, capaz de promover uma experiência significativa e envolvente para os fiéis, além de se posicionar como um agente de transformação na comunidade. Diante disso, é crucial que as instituições religiosas reconheçam a importância da comunicação estratégica e contínua, não apenas durante momentos de crise, como a pandemia, mas também como parte integrante de sua missão e propósito. A combinação entre uma sólida base teológica e o domínio das ferramentas e plataformas digitais é essencial para o fortalecimento da mensagem religiosa e para a construção de relacionamentos significativos com os fiéis e a comunidade em geral.

Por fim, foi possível concluir como é fundamental entender o papel da comunicação nas instituições religiosas em um contexto de mudanças aceleradas e transformação digital. Espera-se



que os resultados aqui apresentados possam servir como base para reflexões e práticas mais eficazes nessa área, proporcionando subsídios para aprimorar a comunicação nas instituições religiosas cristãs e fortalecer seu impacto na sociedade.

Referências

ADAM, Júlio Cezar; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo Ramos. Igreja em rede e liturgia on-line, é possível?. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, ed. 2, p. 598-609, mai/ago. 2020. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/59/48>. Acesso em: 18 maio 2023.

BÍBLIA, A. **Bíblia Sagrada**: Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CAMPOS JUNIOR, Héber Carlos de. Em Tempos de Pandemia, Como Fica a Comunhão?. *In*: **Coalizão pelo Evangelho**. [S. l.], 3 abr. 2020. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/em-tempos-de-pandemia-como-fica-a-comunhao-heber-campos-jr/>. Acesso em: 18 maio 2023.

CARVALHO, Diogo da Cunha. Culto on-line: Exegese da palavra, exegese do mundo. **Batista Pioneira**, Ijuí, v. 9, ed. 1, p. 60-78, 2020. Disponível em: <http://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/370/402>. Acesso em: 18 maio 2023.

DA SILVA, Jéssica Raíssa Ferreira Costa. **Da igreja ao digital**: Planejamento de Comunicação para IABV IPSEP. Orientador: Profa. Dra. Karla Regina Macena Pereira Patriota. 2022. 68 p. Monografia (Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/48204/1/TCC%20J%c3%a9ssica%20Ra%c3%adssa%20Ferreira%20Costa%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

FELICIANO, Jeiseriel Cunha. **Reportagem audiovisual sobre a reinvenção da comunicação da igreja onda dura em meio à pandemia**. Orientador: Prof. Dra. Karine Moura Vieira. 2021. 48 p. Monografia (Bacharel em Jornalismo) - UNINTER, Joinville, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/1263/TCC%20Jeiseriel%20Cunha.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 maio 2023.



PACKER, J. I. **Fé Ativa**: O discipulado que produz cristãos que levam Deus a sério. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

PINTO, Marilina Serra *et al.* A Covid-19 em Templos, Terreiros e Igrejas na cidade de Manaus. **Tempo da Ciência, Tole**, Toledo, v. 28, ed. 56, p. 85-103, jul/ago. 2021. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/29050/20391>. Acesso em: 18 maio 2023.

Portal UOL. **Coronavírus faz igreja que casou Eduardo Bolsonaro realizar batismos online**. 2020. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/06/coronavirus-faz-igreja-que-casou-eduardo-bolsonaro-realizar-batismos-online.htm> > Acesso 17.09.2024

PUNTEL, Joana T; SBARDELOTTO, Moisés. Da Reforma histórica à "Reforma digital": Desafios teológicos contemporâneos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, ed. 2, p. 350-364, jul/dez. 2017. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/314/262. Acesso em: 18 maio 2023.

SANTANA, Denise. A IMPRENSA, A PANDEMIA E O FECHAMENTO DAS IGREJAS. **Espiritualidade, psicologia e bem viver**, São Leopoldo, v. 7, p. 120-128, 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. Virtualização da fé? Reflexões sobre a experiência religiosa em tempos de pandemia. **Annales**, Belo Horizonte, v. 5, n. 4, 2020.

SILVA, Aline Amaro da. **Cibergraça**: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede. Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes. 2015. 141 p. Dissertação (Mestre em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5993/2/468444%20-%20Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

SPROUL, R. C. **O Conhecimento das Escrituras**: Passos para um estudo bíblico sério e eficaz. 2ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1999/2019.